

Ceilândia precisa de mais saúde

DF-Saúde

Quarenta médicos seriam necessários para oferecer tratamento adequado à população. Contratos temporários podem ser suspensos

Mais médico e remédio sempre nas prateleiras. Estas são as promessas do novo diretor regional de Saúde de Ceilândia, o clínico geral Antonio Coelho, 46 anos, que assumiu o cargo esta semana.

Coelho recebeu a sua regional com um déficit de quase 40 médicos. "Atualmente, contamos apenas com 20 clínicos para atender no pronto-socorro. Deveríamos ter quatro médicos, por dia. Agora, só contamos com um ou dois, no máximo", afirma.

Segundo ele, os poucos médicos disponíveis têm que revezar o seu atendimento entre a emergência do

Hospital Regional de Ceilândia (-HRC), os doze Centros de Saúde da cidade e o acompanhamento às 81 equipes do Saúde em Casa.

Na lista das necessidades, a direção do hospital também contabiliza a falta de oftalmologistas, cardiologistas e dermatologistas. "Temos um oftalmologista para atender a cinco mil consultas, para se ter uma idéia", compara.

"Encontramos o hospital um pouco pior do que estava antes de 1994", analisa Coelho, que foi diretor de regional na última gestão do governador Joaquim Roriz, entre 1990 e 1994. Para ele, o maior problema de saúde na cidade é a falta

de funcionários. "Alguns postos não contam com a assistência de nenhum médico. A maioria pediu demissão, transferência ou está cumprindo licença", explica.

Em 1997, a Fundação Hospitalar abriu concurso para contratação temporária de médicos para repor as vagas existentes. "Foram abertas 40 vagas, mas apenas três médicos ficaram. O último dos clínicos vai deixar o hospital este mês", conta. Motivo? O baixo salário. Os médicos em contrato temporário recebem cerca de R\$ 1,2 mil, por uma jornada de trabalho de 24 horas semanais.

"Não aceitaremos contratos como esse. Com esses salários, não será possível trazer nenhum médico para o HRC", reivindica o diretor, que ainda não definiu a sua estratégia para a contratação de novos funcionários.

Coelho adianta que já apresentou as suas reivindicações para o secretário interino de Saúde, Paulo Kalu-

me, que está averiguando o caso. "Já conversei com ele (Kalume), mas estamos preparando um levantamento minucioso para a secretaria", diz.

SITUAÇÃO CAÓTICA

Atender a demanda de pacientes que chega diariamente ao HRC é quase um malabarismo. Só a emergência recebe 900 pessoas, por dia. A enfermaria, que só tem capacidade para 30 doentes, chega a manter 60 ou mais pessoas. Os pacientes se amontoam entre os corredores, enquanto os médicos tentam dar conta de todo o trabalho.

Uma das especialidades do centro médico, a área de ginecologia e obstetrícia, é responsável pelo parto de 800 crianças, por mês. Quase 40, por dia. Com esta médica, o HRC é o campeão de partos do DF.

O hospital ainda conta com 213 leitos e três clínicas de atendimento geral, pediatria e cirurgia geral. O

novo centro cirúrgico, inaugurado no final de dezembro, só deverá entrar em funcionamento em fevereiro. "Ainda estamos aguardando funcionários novos", explica Coelho.

A comunidade terá direito a seis salas e doze leitos novos, o que corresponde a um aumento de 50% na capacidade de atendimento do hospital. Por mês, são realizadas 230 cirurgias.

"O centro será essencial para que sejam reativadas as cirurgias eletivas (as marcadas com antecedência), que estavam interrompidas desde setembro, por falta de espaço", afirma.

Também no próximo mês, será inaugurado o bloco para emergências de ginecologia e obstetrícia. "Nós precisamos mesmo é de uma UTI (Unidade de Terapia Intensiva). Não concordo em remover pacientes para outros hospitais. É uma perda de tempo, que pode significar uma vida", conclui Antonio Coelho.